

## OS NOMES DO AMOR EM NELSON RODRIGUES

**Lenita Bentes**

“A relação sexual é sempre insatisfatória, os homens só continuam a nascer por causa do amor”<sup>1</sup>

“O que supre a relação sexual é justamente o amor”<sup>2</sup>

Da psicopatologia da vida quotidiana do homem urbano comum, Nelson Rodrigues fez sua obra, recolhendo em suas crônicas o amor e as mais variadas paixões. O celeiro, a sociedade carioca dos idos de 1940.

Sua obra chegou ao povo, do qual partia, quando o jornal *A Última Hora* passou a publicar, em 1941, suas crônicas sob o título “*A Vida Como Ela É*”<sup>3</sup>. Escreveu-as por dez anos, durante seis dias por semana, chovesse ou fizesse sol. Como dizia, a chuva podia ser como “a do quinto ato do *Rigoletto*”, e o sol, “de derreter catedrais”.

O tema predileto, o adultério. Deste, extraiu quase duas mil histórias, por exemplo: *Banho de Noiva*, *Casal de Três*, *Para sempre Fiel*, *A Mulher do Próximo*, *O Homem Fiel* etc.

Inspirava-se tanto em casos que lhe eram contados como em suas próprias observações da vida citadina, ou ainda nas arrebatadoras histórias de que ouvira falar em criança, “mas principalmente de sua meditação sobre o casamento, o amor e o desejo”<sup>4</sup>, conta seu biógrafo Ruy Castro. Segundo este, “estas histórias se davam numa época em que a vida sexual, para se realizar, exigia o vestido de noiva, a noite de núpcias e a lua-de-mel. E o casal perfeito compunha-se do marido, da mulher e do amante”<sup>5</sup>

Nelson nasceu em Recife, em 1912 e morreu no Rio, em 1980.

Devemos ainda acrescentar a esses dados mais um, o fato de ter usado inúmeras vezes um pseudônimo feminino: Suzana Flag. Com este escreveu, por exemplo, *O Homem Proibido*<sup>6</sup>.

“Nos folhetins, temos as repetições e os suspenses de cada final de capítulo, que levam o leitor a praticamente devorar o volume. Nas crônicas, as bem-humoradas relações entre, por exemplo, uma partida de futebol e o destino da humanidade. Já nos contos e nos romances, podemos encontrar algo que remete à contundente definição do trágico que Nelson Rodrigues propõe no programa de estréia de sua peça *Senhora dos Afogados*: O que caracteriza uma peça trágica é o poder de criar a vida e não de imitá-la. Isso a que se chama Vida é o que se representa no palco, e não o que vivemos cá fora, ou seja, a ficção não retrata uma realidade que lhe é externa. Pela criação, pela operação de linguagem, ela é que é a própria vida”<sup>7</sup>.

As paixões tecidas de alma e carne são tratadas por Nelson e Lacan e tocam-se no justo ponto em que não se pode mais definir a realidade de outra forma que não seja pela estrutura de ficção da verdade, que, em sua íntima particularidade, é elevada a extremos. Como dizia Nelson, “quem ama traz em si o apelo à morte”. Atesta isso a expressão utilizada pelo personagem Carlinhos em *A Dama do Lotação*: “morri para o mundo”, quando sabe da traição de sua mulher, todas as tardes, “para sua escapada delirante, de lotação”<sup>8</sup>.

Nelson é também um personagem entre outros em sua obra, a ponto de falar-se mais de sua personalidade, de seus modos de gozar, no que transbordavam para a esfera pública, do que do escritor consagrado muito tempo antes de morrer.

Com toda a reflexão e encantamento que a obra de Nelson Rodrigues possa nos despertar, seria descabido servirmo-nos da obra para analisar o autor. Recolho o que pode nos ensinar sobre o amor e a paixão como manifestações da humanização.

O que de raro houvesse nas relações amorosas levava o adjetivo “rodriguelano”, podendo o mesmo fazer série com freudiano, lacaniano, borgeano, como nomes de tratar o amor.

No título dado à sua biografia, um paradoxo: O Anjo Pornográfico<sup>9</sup>. O sexo está explícito nos anjos, há o sexo, mas não há a relação sexual. A pornografia é apenas uma das muitas formas, sempre precárias, de tentar fazê-la existir.

As epígrafes acima se atravessam, e, delas, extraio três frações: a relação sexual, a satisfação e o amor.

**A relação sexual:** O inconsciente fala de sexo, em algum lugar há sexo, mas a relação sexual não existe. A aparente contradição não faz mais que deixar aberta a via onde algo da verdade se produz como impossível. De que impossível se trata? Da verdade do gozo, do qual o detentor não é o pai, mas o significante que, ao fazer marca, faz também sobrar um resto, o objeto *a*. Isto é a castração, abertura ao sexual, no qual não ingressamos por nosso ser, mas pelo significante da sexuação: o falo.

Se por um lado o significante produz gozo, por outro, o interdita. A parte interditada é o gozo infinito. Portanto, o gozo sexual impede o Um da relação sexual. Esse gozo é fora da linguagem, e Lacan o coloca do lado feminino, opondo-o ao gozo fálico. Este é chamado gozo semiótico por sua relação com a linguagem. Além disso, localizado fora do corpo, ligado a ele apenas pelo órgão sexual.

A relação entre o ser falante e o gozo que se pode ter nunca é o que deveria ser. Toda relação sexual é insatisfatória, diz Nelson. A relação sexual não existe, diz Lacan.

**A satisfação - a Outra:** Conceitualmente, há uma certa antinomia entre satisfação e gozo. Em “Mais Ainda”, Lacan define o gozo como o que não é útil, como o que não serve para nada. Sendo assim, o útil está do lado da satisfação e o que não serve para nada está do lado do gozo.

A satisfação diz de um gozo que não cessaria. Sendo assim, está em relação com o gozo. Não há, pois, satisfação sem gozo, e esta só é possível quando o gozo falha: “ - *a questão de onde é que isto os satisfazia? só é traduzível desta maneira - onde é que houve aí falta a um certo gozo?*”<sup>10</sup>, que, cernido apenas pela lógica, faz Lacan dizer que “o real não cessa de não se escrever”<sup>11</sup>.

No Seminário XIV<sup>12</sup>, recorre ao número de ouro, ou divina proporção, para abordar a incomensurabilidade do *a* com o Um e no Seminário XVI<sup>13</sup>, serve-se da série de Fibonacci para confrontar o significante com o mais-de-gozar, a relação do um numérico com o mais-de-gozar, a proporção a qual dará o valor de pequeno *a*. Segundo Miller, “ele tenta cernir o que surge e se perde no único fato de colocar arbitrariamente o 1 inaugural”<sup>14</sup>. A repetição significante isola um efeito de perda que torna impossível escrever a relação sexual, por faltar à cadeia o significante que permitiria escrevê-la. Quanto ao efeito de perda, o significante é sempre acompanhado

pelo conjunto vazio. É, segundo Miller, “um vazio mediador” que permite se deslocar na cadeia. Se é impossível escrevê-la, resta supri-la com o amor.

**O amor:** A identificação é o primeiro laço amoroso com o outro. A renúncia ao objeto amoroso, que é o pai, e o fracasso na incorporação - já que esta não funda suficientemente o ser daquele que comeu - é substituído pela identificação simbólica, ou o Outro simbólico é incorporado. É esse o ponto em que a estrutura se agarra e toma o corpo, o ponto em que o simbólico se transmuta em Outro. O Outro é o simbólico incorporado.

A identificação primária é impossível e constitui a estrutura, embora não sem apelar à identificação simbólica (secundária). Há, portanto, o enganchamento do menos Um com o Um, e o que aí se perde só pode ser abordado como uma outra satisfação. Lacan renova o domínio de Eros. Faz do ser o ser da significância, e é no gozo do corpo que devemos reconhecê-lo como mais-de-gozar, como letra de uma carta de almor ao significante.

Da relação entre o universal e o não-todo, Lacan extrai a dialética, a “indicação escandida do que se trata”<sup>15</sup>, onde o falasser se reparte em identificações sexuais, onde S barrado, ao tomar o a como parceiro, não é outra coisa que a fantasia, e “A barrado mulher é aquilo que tem relação com esse Outro”<sup>16</sup>.

O tipo tratado por Nelson Rodrigues é a adúltera. A infidelidade é o eixo da fantasia de suas histórias. Fantasia masculina? Podemos enunciá-la a partir de suas histórias: “uma criança é enganada”? Suas variáveis - o incesto, a promiscuidade, o prostíbulo onde pai e filha se encontram, a escolar estuprada - fazem o objeto amoroso passar pela degradação social.

O homem rodrigueano é devastado, podendo chegar à vingança sangrenta em nome da honra ou a matar-se em nome do amor. O “Perdoa-me por me traíres”<sup>17</sup>, frase que celebrizou uma determinada lógica da vida amorosa, indica que o gozo não se obtém com a economia do objeto da fantasia. Um homem só faz parceria com uma mulher que seja o substituto do objeto da fantasia, articulando ao sintoma.

A adúltera, de homem em homem, faz de sua busca incessante a maneira de compensar sua privação, de encontrar em cada objeto o que constituiria o seu traço particular. Em seu donjuanismo, faz-se mais viril e menos mulher, não sem que o seu

homem a tenha conduzido ao ponto onde ambos recusam o impossível da relação sexual.

Nelson subverte a moral vigente e provoca reações espetaculares de hordas primitivas que se empenham em devolver o gozo ao pai. Compromete o pai com seu gozo e faz na literatura o que Lacan faz na psicanálise ao desmontar o mito do pai, por um pai que diz sim ao gozo, que está despido das vestes do mito. O pai está nu! Age sobre a estrutura, é um significante, é o agente da castração.

Lacan enfatiza menos a morte e mais o gozo: “Que o pai morto seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível... o real é o impossível... aquilo que do simbólico se enuncia como impossível”<sup>18</sup>. “Não há nenhuma psicologia concebível desse pai original. Porém a apresentação que lhe é dada convida à derrisão – aquele que goza de todas as mulheres, imaginação inconcebível, posto que normalmente é bem perceptível que já é muita coisa dar conta de uma”<sup>19</sup>. “O mito não poderia ter outro sentido a não ser aquele ao qual o reduzi, o de um enunciado do impossível”<sup>20</sup>.

No Seminário XX<sup>21</sup>, as fórmulas da sexuação, o amor macho e o amor feminino, indicam posições subjetivas do ser frente ao real do sexo. Verificamos que uma escolha no próprio discurso do sujeito, às vezes, é contra a anatomia e que o que tem a ver com a sexualidade provém da função do falo, seja qual for o lado ( masculino ou feminino) em que se inscreva.

O que podemos extrair, em princípio, da obra de Nelson Rodrigues e de seu tema predileto é que a infiel rodrigueana, na entrega amorosa, na vertigem da paixão, é exemplar da devastação, como forma de aniquilamento, de entregar sua vida ao outro. “O sentido real da paixão é inconfessável. Quem confessaria que deseja o aniquilamento?”<sup>22</sup>, ou o apelo à morte, como diz Nelson Rodrigues?

Na paixão rodrigueana pelo significante “adúltera”, ouvimos não o insulto, mas uma designação lógica relativa a uma posição particular na relação significante-objeto. Nelson assim a definia: “Tudo passa, menos a adúltera. Nos botecos, nos velórios, na esquina e nas farmácias, há sempre alguém falando das senhoras que traem. O amor bem-sucedido não interessa a ninguém”<sup>23</sup>.

Na paixão amorosa, o apelo à morte faz série com o acting-out e ou com a passagem ao ato. O homicídio “garante” ao homicida a absorção do objeto no ato desesperado de recuperar no real o que sempre foi perdido. O suicídio é encarnar o resto que, na cadeia, permite saltar de um a outro significante para o abismo das palavras e, assim, remediar o empuxo à morte.

O amor é o que se sustenta do mínimo, ou seja, do que na língua veicula o real e não o sentido, um eu te amo mesmo assim, objeto adulterado. Nelson Rodrigues nos ensina sobre a adulteração, sobre as mutilações em nome do amor, como um entre muitos Nomes do Amor.

---

**Lenita Bentes** é psicanalista.

## NOTAS

<sup>1</sup> - Castro, R. *O Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992, citação de frase de Nelson Rodrigues.

<sup>2</sup> - Lacan, J. *O seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982, p. 62.

<sup>3</sup> - Rodrigues, N. *A Vida como ela é*. São Paulo: Schwarcz Editora, 1992.

<sup>4</sup> - Castro, R. *O Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992, citação de frase de Nelson Rodrigues, 229.

<sup>5</sup> - Ibid, p.229.

<sup>6</sup> - Flag, S. *O Homem Proibido*. São Paulo: Schwarcz Editora, 1981.

<sup>7</sup> - Lopes, L.A. Jornal “O Globo”. Caderno Prosa e Verso, 26/8/2006, Rio de Janeiro. Prof. do Curso de Artes Cênicas EBA/UFRJ. Tradutora das peças de Nelson Rodrigues para o francês.

<sup>8</sup> - Castro, R. *O Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992, citação de frase de Nelson Rodrigues.

<sup>9</sup> - Castro, R. *O Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

<sup>10</sup> - Lacan, J. *O seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982, p. 75.

<sup>11</sup>- Ibid, p. 81.

<sup>12</sup>- Lacan, J. *A lógica da fantasia*, sem XIV (1966-67), inédito.

<sup>13</sup> - Lacan, J. *Le séminaire*, livre XVI: D'un Autre à l'autre (1968-69). Paris: Seuil, 2006.

<sup>14</sup> - Miller, J. A. *Iluminações Profanas*, aula 9, inédito.

<sup>15</sup> - Lacan, J. *O seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982, p. 107.

<sup>16</sup> - Ibid, p. 108-9.

<sup>17</sup> - Castro, R. *O Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992, citação de frase de Nelson Rodrigues, p. 269.

<sup>18</sup> - Lacan, J. *O seminário*, livro 17: O Averso da Psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p.116.

<sup>19</sup> -Ibid, p.166-7.

<sup>20</sup> - Ibid, p. 118.

<sup>21</sup> - Lacan, J. *O seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982, p. 105.

<sup>22</sup> - Vicente, S. "Ser mulher é ser nada". Em: *As paixões do ser*, Laurent,E. Salvador: EBP- Bahia ed, 2000, p. 108.

<sup>23</sup> - Castro, R. *O Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992, citação de frase de Nelson Rodrigues, p. 59.